4º Seminário Cidade, Territorialidades, Interseccionalidade

INSTITUTO FEDERAL São Paulo

Territórios, paisagens e memórias: Diálogos interdisciplinares sobre patrimônios e identidades

TERRITÓRIOS QUE SUSTENTAM A VIDA: Bem Viver, Biofilia e resiliência socioambiental

SOUSA, GIOVANA RODRIGUES DE[1], GALLO, DOUGLAS[2]

[1] Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, bolsista de iniciação científica PIBIC-CNPq, oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, rodrigues.giovana@aluno.ifsp.edu.br.

[2] Professor Doutor, líder do grupo de pesquisa oby – laboratório cidade paisagem, IFSP, Campus São Paulo, douglas.gallo@ifsp.edu.br.

Sessão Temática (ST):
ST1: Cidades, Crise Climática e Resiliências no Sul Global

RESUMO: O objetivo do trabalho é analisar as aproximações entre o Bem Viver e o Urbanismo Biofílico e suas contribuições para repensar a relação entre sociedade, natureza e resiliência urbana diante das mudanças climáticas. A pesquisa possui metodologia qualitativa e exploratória, baseada em revisão bibliográfica e análise conceitual sobre Bem Viver, Urbanismo Biofílico, Direitos da Natureza e Resiliência Urbana. O estudo aproxima dois referenciais ainda pouco articulados na literatura, contribuindo para ampliar o debate sobre adaptação climática para além de respostas exclusivamente técnicas e infraestruturais. Foram identificadas convergências relacionadas à interdependência entre sociedade e natureza, à valorização do território e à compreensão dos sistemas naturais como dimensão estruturante da vida urbana. A análise também evidenciou que a presença da natureza, isoladamente, não garante resiliência ou justiça socioambiental. O artigo propõe uma aproximação conceitual entre Bem Viver e Urbanismo Biofílico, ampliando a compreensão da natureza como dimensão constitutiva das relações socioecológicas e da organização do território. A abordagem reforça a importância de estratégias de adaptação climática que integrem sistemas naturais, infraestrutura verde e azul e justiça socioambiental, contribuindo para a redução das vulnerabilidades urbanas.

PALAVRAS-CHAVE: decolonialidade; natureza urbana; resiliência urbana; biofilia urbana; qualidade de vida.

TERRITORIES THAT SUSTAIN LIFE: Buen Vivir, Biophilia, and climate resilience

ABSTRACT: *This study aims to analyze the convergences between Buen Vivir (Good Living) and Biophilic Urbanism, as well as their contributions to rethinking the relationship between society, nature, and urban resilience in the face of climate change. The research employs a qualitative, exploratory methodology based on an literature review and a conceptual analysis of Buen Vivir, Biophilic Urbanism, the Rights of Nature, and urban resilience. By bringing together two frameworks that have rarely been linked in the literature, the study helps expand the debate on climate adaptation beyond purely technical and infrastructural responses. Convergences were identified regarding the interdependence of society and nature, the valuing of territory, and the understanding of natural systems as a structural dimension of urban life. The analysis also revealed that the mere presence of nature does not guarantee resilience or socio-environmental justice. The article proposes a conceptual alignment*

between Buen Vivir and Biophilic Urbanism, broadening the understanding of nature as a constitutive element of socio-ecological relations and territorial organization. This approach underscores the importance of climate adaptation strategies that integrate natural systems, green and blue infrastructure, and socio-environmental justice, thereby contributing to the reduction of urban vulnerabilities.

***KEYWORDS**: decoloniality; urban nature; urban resilience; urban biophilia; quality of life.*

INTRODUÇÃO

As cidades contemporâneas encontram-se no centro de múltiplas crises socioambientais que se manifestam por meio das mudanças climáticas, da degradação de ecossistemas, da perda de biodiversidade e do aprofundamento das desigualdades territoriais. Os impactos de eventos climáticos extremos, como ondas de calor e inundações, incidem de forma desigual sobre os territórios, afetando prioritariamente populações expostas a vulnerabilidades estruturais e com menor acesso a infraestruturas e moradias adequadas. Essa vulnerabilidade está diretamente associada ao modelo de urbanização guiado pela racionalidade moderna e por uma visão antropocêntrica, na qual a natureza é tratada predominantemente como um recurso a ser explorado e mercantilizado para a expansão econômica, em detrimento da integridade ecológica e da justiça socioambiental. Diante desse cenário, o debate sobre resiliência urbana frequentemente se restringe a uma perspectiva técnica ou instrumental, focada apenas na capacidade de recuperação dos sistemas urbanos sem questionar as estruturas sociais e espaciais que geram as vulnerabilidades.

Para superar essa limitação, o artigo propõe um diálogo conceitual entre o Bem Viver (*Buen Vivir* ou *Sumak Kawsay*) e o Urbanismo Biofílico. O Bem Viver, fundamentado em cosmovisões indígenas andinas, surge como uma crítica ao desenvolvimento convencional, propondo uma compreensão relacional da existência baseada na interdependência entre seres humanos, comunidade e natureza. Essa perspectiva contesta o crescimento econômico ilimitado e desloca a centralidade para a reprodução e a sustentação da vida (Acosta, 2016; Solón, 2019). Paralelamente, o Urbanismo Biofílico propõe a reintegração sistemática de elementos, processos e sistemas naturais à estrutura e à experiência cotidiana das cidades (Beatley, 2011; Beatley; Newman, 2013). Estudos demonstram que o contato diário com a natureza contribui para a saúde física e mental, a coesão social, a conservação da biodiversidade e a adaptação às mudanças climáticas. A articulação entre essas duas abordagens busca deslocar a visão utilitarista da natureza (focada estritamente em serviços ecossistêmicos) para uma compreensão ampla da interdependência entre os sistemas humanos e não humanos que constituem o território, gerando novas bases epistemológicas e espaciais para a resiliência urbana. Este trabalho tem como objetivo discutir as contribuições do Urbanismo Biofílico para a materialização dos princípios do Bem Viver no contexto de territórios urbanos contemporâneos, argumentando que essa aproximação pode contribuir para a construção de uma perspectiva decolonial, capaz de recolocar a natureza no centro das práticas de planejamento, gestão e produção do espaço urbano.

METODOLOGIA

A pesquisa, de caráter qualitativo e exploratório, foi desenvolvida a partir de uma revisão narrativa da literatura e análise conceitual das aproximações entre Bem Viver, Urbanismo Biofílico, relações sociedade-natureza, direitos da natureza e planejamento urbano. Realizou-se busca no Portal de Periódicos CAPES, abrangendo o período de 2015 a 2025, nos idiomas português, espanhol e inglês, considerando trabalhos revisados por pares e de acesso livre. As buscas utilizaram combinações dos descritores “Bem Viver”, “Buen Vivir”, “Good Living”, “Urbanismo Biofílico”, “Biophilic Urbanism”, “relações sociedade-natureza”, “direitos da natureza” e “planejamento urbano”, articulados por operadores booleanos. Após a aplicação dos critérios de seleção, a literatura foi complementada por

livros, teses e referências recorrentes e autores mais citados nos trabalhos identificados, mediante estratégia de *snowballing*, constituindo-se, ao final, um corpus de 14 trabalhos. O corpus foi submetido à análise temática, a partir da qual emergiram, sem definição prévia, três dimensões articuladoras: a interdependência entre sociedade e natureza; a valorização do território; e a compreensão dos sistemas naturais como dimensão estruturante da vida urbana. Ferramentas de inteligência artificial (Consensus, NotebookLM e ChatGPT) foram utilizadas como apoio à busca, triagem, organização e síntese preliminar da literatura e à revisão linguística. Todas as análises, interpretações e decisões científicas foram realizadas pelos autores, responsáveis pelo conteúdo do manuscrito.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise conceitual revelou três dimensões centrais de aproximação entre o Bem Viver e o Urbanismo Biofílico. A primeira dimensão refere-se à relação sociedade-natureza: enquanto o Bem Viver enfatiza a reciprocidade e a interdependência entre humanos e não humanos (Acosta, 2016), o Urbanismo Biofílico busca fortalecer vínculos cotidianos, sensoriais e afetivos com os sistemas naturais (Beatley, 2011). Essa convergência reposiciona a natureza no centro da organização da vida, contestando abordagens que tratam áreas verdes apenas como ornamentos ou ferramentas de especulação imobiliária (Gudynas, 2019).

A segunda aproximação associa-se à qualidade de vida. Ambas as vertentes rejeitam indicadores de progresso baseados estritamente na acumulação material ou no crescimento econômico. O Bem Viver associa a qualidade de vida ao equilíbrio ecológico e coletivo, ao passo que o Urbanismo Biofílico a associa à saúde, bem-estar, habitabilidade e biodiversidade. Juntos, expandem a compreensão de que a vida urbana depende da integridade socioecológica das relações que sustentam o território, superando visões estritamente utilitaristas da natureza (Marx; Leitão, 2026; Ordóñez; Shannon; d'Auria, 2022).

A terceira dimensão refere-se à territorialidade e à pluralidade de saberes. O Bem Viver destaca que as relações socioambientais são construídas em territórios específicos, atravessados por práticas culturais e formas comunitárias de organização. Esse olhar decolonial contribui para que o Urbanismo Biofílico evite a aplicação de modelos padronizados, promovendo intervenções sensíveis às especificidades ecológicas, sociais e culturais locais. Conforme argumentam Thomson e Newman (2021), a incorporação da natureza ao planejamento urbano demanda abordagens capazes de considerar as particularidades dos lugares e suas múltiplas relações socioecológicas.

Do ponto de vista prático da adaptação climática, a incorporação de infraestrutura verde e azul (parques, corredores ecológicos, solos permeáveis e áreas úmidas) desempenha funções vitais na regulação térmica, no manejo de águas pluviais, na redução de riscos de inundações e na manutenção da biodiversidade. Estudos recentes têm demonstrado que ambientes urbanos com maior presença e diversidade de elementos naturais podem contribuir para a saúde física e mental, a redução do estresse, o fortalecimento da coesão social e a ampliação de comportamentos pró-ambientais (Totaforti, 2020; Andreucci et al., 2021; Panlasigui et al., 2021; Cobreros et al., 2023; Lefosse; Timmeren; Ratti, 2023).

Esses benefícios evidenciam que a aproximação entre população e natureza ultrapassa a dimensão paisagística, relacionando-se às condições de habitabilidade e à qualidade da experiência urbana. Tais infraestruturas devem ser integradas de forma sistêmica em redes ecológicas, e não apenas implantadas como áreas verdes isoladas ou pontuais. No entanto, a análise evidencia que a presença da natureza, por si só, não garante justiça socioambiental ou resiliência. Intervenções de qualificação ambiental mal planejadas correm o risco de desencadear a gentrificação verde, gerando valorização imobiliária, exclusão social e o deslocamento de populações vulneráveis (Jelks; Jennings; Rigolon, 2021). A simples ampliação da presença da natureza, portanto, não garante justiça socioambiental. Como destacam Lefosse, Timmeren e Ratti (2023), ainda existem desafios relacionados à avaliação integrada dos impactos sociais, ecológicos e culturais das estratégias biofílicas, indicando a necessidade de abordagens capazes de considerar simultaneamente biodiversidade, bem-estar, equidade e contexto territorial. Logo, uma perspectiva de resiliência

orientada pelo diálogo entre essas vertentes exige tanto intervenções infraestruturais coordenadas quanto processos participativos, democráticos e territorialmente enraizados.

Nesse sentido, o principal potencial da aproximação entre Bem Viver e Urbanismo Biofílico reside na possibilidade de combinar uma crítica às bases que historicamente separaram sociedade e natureza com estratégias concretas de transformação do espaço urbano. Enquanto o Bem Viver contribui com uma perspectiva fundamentada na interdependência, na territorialidade e na reprodução da vida, o Urbanismo Biofílico oferece possibilidades de materialização dessas relações por meio da integração de sistemas naturais à estrutura urbana. Essa articulação, contudo, somente poderá contribuir para a resiliência urbana se a natureza não for reduzida a um recurso técnico ou paisagístico e se os processos de transformação considerarem as desigualdades, os saberes e as formas de vida existentes em cada território.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida evidencia aproximações relevantes entre o Bem Viver e o Urbanismo Biofílico, apesar de suas distintas origens epistemológicas e trajetórias conceituais. A revisão realizada não identificou, no corpus analisado, trabalhos que articulassem diretamente esses dois referenciais, indicando uma lacuna na literatura e conferindo caráter exploratório e original à aproximação proposta. Mais do que reafirmar os benefícios da presença da natureza para o bem-estar, a principal contribuição do estudo consiste em deslocar a natureza de uma posição predominantemente ornamental, residual ou instrumental, inclusive como mera provedora de serviços ecossistêmicos, para compreendê-la como dimensão estruturante da vida coletiva, do planejamento e da organização territorial.

Essa aproximação permite ampliar a própria compreensão de resiliência urbana. Em vez de restringi-la à capacidade técnica de resistir, responder ou recuperar-se diante de eventos climáticos, propõe-se compreendê-la como processo indissociável da redução das vulnerabilidades socioambientais, da valorização das especificidades territoriais e da distribuição justa das infraestruturas ecológicas, com atenção aos territórios historicamente marginalizados.

A análise também evidencia que a incorporação isolada de soluções ecológicas não assegura, por si só, resiliência ou justiça socioambiental. Estratégias de adaptação climática demandam, portanto, não apenas eficiência técnica, mas também equidade na distribuição de seus benefícios, reconhecimento das diferentes territorialidades e processos de planejamento e implementação socialmente participativos. Como agenda para investigações futuras, destaca-se a necessidade de examinar empiricamente como essa articulação se materializa na espacialidade de diferentes territórios urbanos, incidindo sobre os espaços livres, a morfologia urbana, o uso do solo, a mobilidade e as inter-relações ecológicas na malha construída.

Em síntese, o diálogo entre Bem Viver e Urbanismo Biofílico não pretende estabelecer um modelo urbano rígido ou universalizante, mas contribuir para a construção de princípios éticos, territoriais e espaciais capazes de orientar práticas urbanas comprometidas com a decolonialidade, a justiça socioambiental e a interdependência entre sociedade e natureza diante dos desafios da crise climática contemporânea.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, A. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2016.

ANDREUCCI, M.B.; et al. Exploring challenges and opportunities of biophilic urban design: evidence from research and experimentation. **Sustainability**, v. 13, n. 4323, 2021.

BEATLEY, T. **Biophilic cities**: integrating nature into urban design and planning. Washington: Island Press, 2011.

BEATLEY, T.; NEWMAN, P. Biophilic cities are sustainable, resilient cities. **Sustainability**, v. 5, p. 3328-3345, 2013.

COBREROS, C.; et al. Improving psychological well-being in urban university districts through biophilic design: two cases in Mexico. **Sustainability**, v. 15, n. 5703, 2023.

GUDYNAS, E. **Direitos da natureza**: ética biocêntrica e políticas ambientais. São Paulo: Elefante, 2019.

JELKS, N. O.; JENNINGS, V.; RIGOLON, A. Green gentrification and health: a scoping review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, 2021.

LEFOSSE, D.; TIMMEREN, A.V.; RATTI, C. Biophilia upscaling: a systematic literature review based on a three-metric approach. **Sustainability**, v. 15, n. 15702, 2023.

MARX, J.; LEITÃO, K. Land and territory in discourses on Buen Vivir: towards the refounding of Latin American urban and regional Thought. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 28, n. 1, 2026.

ORDÓÑEZ, M.; SHANNON, K.; d'AURIA, V. The materialization of the Buen Vivir and the Rights of Natures: rhetoric and realities of Guayaquil Ecológico urban regeneration project. **City, Territory and Architecture**, v. 9, n.1, 2022.

PANLASIGUI, S.; et al. Biophilia beyond the building: applying the tools of urban biodiversity planning to create biophilic cities. **Sustainability**, v. 13, n. 2450, 2021.

SOLÓN, P. **Alternativas sistêmicas**: Bem Viver, descrescimento, comuns, ecofeminismo, direitos da Mãe Terra e desgrobalização. São Paulo: Elefante, 2019.

THOMSON, G.; NEWMAN, P. Green infrastructure and biophilic urbanism as tools for integrating resource efficient and ecological cities. **Urban Planning**, v. 6, n, 1, p. 75-88, 2021.

TOTAFORTI, S. Emerging biophilic urbanism: the value of the human-nature relationship in the urban space. **Sustainability**, v. 12, n. 5487, 2020.